

Ó TRINDADE  
QUE ADORO!

Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

© Effatà Editrice, Via Tre Dentì, 10060 Cantalupa, Italy. Translated from italian edition, titled *O Trinità che adoro*, by Guido Marini.

**Direção editorial:** Frei Darlei Zanon

**Gerente de design:** Danilo Alves Lima

**Coordenação de revisão:** Tiago José Risi Leme

**Imagem da contracapa:** “Ícone da Trindade”, de Andrei Rublëv

**Impressão e acabamento:** PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

---

Marini, Guido

Ó Trindade que adoro! : o mistério de Deus revelado por Jesus / Guido Marini. - São Paulo : Paulus, 2023.

(Coleção Meditações)

ISBN 978-65-5562-920-0

Título original: O Trinità che adoro

1. Meditações 2. Santíssima Trindade 3. Espiritualidade I. Título II. Série

23-3302

CDD 242

CDU 242

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Meditações



Conheça o catálogo PAULUS acessando:

**paulus.com.br/loja**, ou pelo QR Code acima.

Televendas: (11) 3789-4000 / 0800 016 40 11

1ª edição, 2023

© PAULUS – 2023

---

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 • São Paulo (Brasil)

Tel.: (11) 5087-3700

paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-65-5562-920-0

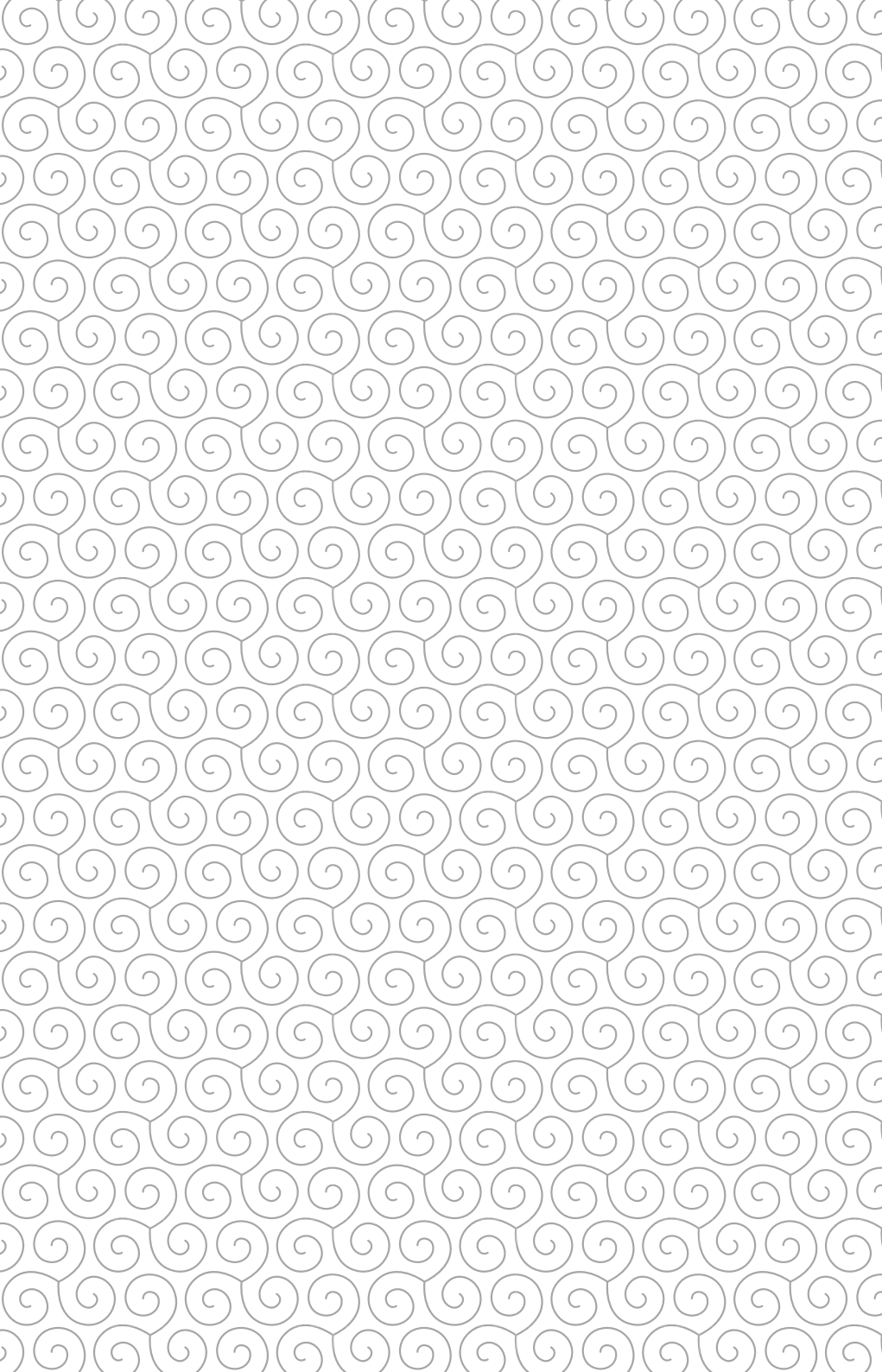
GUIDO MARINI

# Ó TRINDADE QUE ADORO!

*O mistério de Deus revelado por Jesus*

Tradução: Pe. Mário dos Santos, ssp





## PREFÁCIO

As páginas deste livro apresentam meditações sobre o mistério da comunhão de amor entre as Pessoas divinas. Mistério que nos toca, nos transforma e nos assume em si. Mistério insondável nas suas profundidades, mas no qual nos é possível fixar o olhar, porque o Senhor Jesus se fez para nós Caminho e Porta.

Estas meditações provêm de um curso de exercícios espirituais, e pretendem ajudar a lembrar a inefabilidade dos “Três” nas vicissitudes concretas da nossa existência humana. Mas há o risco de as duas dimensões serem consideradas, por muitos, paralelas, ainda que, na realidade, sejam inseparavelmente unidas. O Deus Uno e Trino, o *totalmente Outro*, é, na verdade, aquele em quem vivemos, nos movemos e existimos (cf. At 17,28). A contemplação do mistério trinitário revela-se, portanto, como um meio eficaz para iluminar a nossa vida e converter-nos a Deus, porque não existe verdadeira contemplação que não seja também transformação da vida.

Este itinerário reflexivo aviva-se com a contemplação do ícone da Trindade de Andrei Rublêv, fixando nele os olhos e o coração, que, assim, são continuamente convidados a vislumbrar a janela que se abre diante da eternidade de Deus, lugar ao qual Deus nos convoca para entrar em diálogo com Ele.

A atenção fixa-se, portanto, sobre cada um dos rostos do Pai e do Filho ao serem apresentados através de

algumas parábolas evangélicas, da mesma maneira que outras páginas e passagens da Escritura, unidas a imagens recorrentes da tradição cristã, nos ajudam a levantar o véu que nos esconde o rosto do Espírito.

Não podia faltar, no final do itinerário contemplativo sobre o mistério dos “Três”, a figura de Maria, *uma mulher no coração da Trindade*, aquela que tornou possível que nós víssemos, tocássemos e ouvíssemos o mistério do amor trinitário. O trecho evangélico evocado é o da anunciação, que nos põe perante a revelação do mistério da Trindade, ou seja, do projeto eterno que ganha consistência e corpo. É um trecho que nos provoca, para que reviva em nós a mesma e total disponibilidade, a mesma entrega confiante de Maria nas mãos de Deus, para nos encontrarmos com ela “dentro” da Trindade, experimentando, ao mesmo tempo, que a Trindade está em nós. Descobriremo-nos assim, com a alegria e o espanto infinitos de que nós somos o quarto comensal na mesa dos “Três” a ocupar aquele lugar livre, é um convite para fazermos parte da vida trinitária.

O estilo das meditações atraiçoa a linguagem falada através da qual foram pensadas e transmitidas: nesse sentido, talvez, poderá resultar menos linear a exposição, embora mais imediata e atenta à forma expressiva. Desejo, porém, que ajudem a dirigir o olhar do coração para o Mistério do amor trinitário para conosco, a fim de que a nossa existência seja cada vez mais plasmada e transfigurada.

# O ÍCONE, JANELA ABERTA PARA O MISTÉRIO DE DEUS TRINDADE (I)

## **Permanecer e orar diante de um ícone**

O que quer dizer permanecer e orar diante de um ícone? O ícone, na tradição espiritual do Oriente cristão, torna presente o que está representado, ou melhor, torna presente a pessoa que está representada. Aquilo que o Evangelho e a Escritura são para a palavra, o ícone é para as cores e os símbolos. Como a Escritura faz presente o Senhor através da palavra, o ícone faz presente o Senhor ou os mistérios da vida do Senhor através das cores e dos símbolos. Quando nos encontramos diante de um ícone, encontramos-nos diante não apenas de uma representação ou de uma imagem: estamos, sobretudo, diante de algo que é mistério, porque marca a passagem do visível ao invisível, do que vemos àquilo que não vemos, do mistério que está representado no próprio mistério e que, ao mesmo tempo, nos ajuda a empreender essa passagem.

O vocábulo ícone deriva de uma palavra grega, *eikon*, que significa “imagem”. Todavia é mais do que uma imagem: é uma janela aberta sobre a eternidade, um lugar de encontro com o mistério. Quando nos dispomos a olhar um ícone, pensamos numa janela que se abre sobre a eternidade de Deus e para o lugar que Deus nos indica para entrarmos em diálogo com Ele.

São Paulo, em 2Cor 3,18, sugere-nos um itinerário de oração contemplativa diante de um ícone. Diz em quatro sucessivas passagens que somos chamados a contemplar sem véu, como num espelho, a glória do Senhor, transformando-nos nessa mesma imagem. Consideremos mais de perto esses momentos.

*Contemplar sem véu.* Não se pode ver a Deus se o olhar do coração estiver impedido; não se pode olhar um ícone e passar desse olhar à oração contemplativa se existir o véu do pecado e da distância de Deus no nosso coração.

*Como num espelho.* Observando um ícone, passamos do visível ao invisível, ou seja, vamos daquilo que está representado até o modelo que ali está figurado; passamos das cores e dos símbolos que exprimem Deus ao real mistério de Deus que, de certa forma, está ali expresso. O ícone é, para nós, como um espelho da eternidade de Deus.

*A glória do Senhor.* O final dessa oração contemplativa sobre o ícone é a imersão na beleza de Deus. Sempre que nos colocamos diante de um ícone, pedimos que nos seja revelado algo novo do belíssimo e fascinante mistério de Deus.

*Transformamo-nos nessa mesma imagem.* A verdadeira contemplação só existe quando se dá a transformação da vida, exatamente segundo o sentido daquela imagem que contemplamos. O ícone tem uma pretensão: assemelhar-nos, nós próprios, àquela imagem com a qual entramos em relação espiritual.

Assim, seguindo o ensinamento do apóstolo Paulo, tentemos permanecer em oração contemplativa diante do ícone da Trindade de Rublêv. É claro que o devemos fazer com o olhar límpido e puro, considerando que



temos uma janela aberta para o mistério trinitário, que aquele ícone nos quer fazer descobrir algo do mistério da Trindade de Deus, e que a finalidade dessa contemplação é a nossa transformação na Trindade de Deus e a habitação em nós da própria Santíssima Trindade.

### **O horizonte trinitário**

Há vários motivos pelos quais quis dar um horizonte trinitário a esta reflexão.

A nossa fé é trinitária e, de certo modo, toda a nossa vida é trinitária, pois nem a conseguimos explicar suficientemente senão no mistério da Trindade.

Quando, porém, nos aproximamos da Trindade não ficamos satisfeitos apenas com uma parte, mas desejamos entrar em relação com todo o mistério de Deus.

Com o fervor de Santa Teresa do Menino Jesus, parafraseando um seu escrito, dizemos também nós ao Senhor: “Eu quero tudo de Ti, não me contento só com uma parte ou com algumas migalhas do teu mistério: quero entrar em todo teu mistério”. Ousemos ter essa audácia, a audácia dos enamorados.

Encontrar-se com o mistério trinitário é, realmente, encontrar-se com aquele Deus que conhecemos e amamos, mas que devemos conhecer sempre mais. Quanto mais conhecermos e amarmos, mais amaremos e mais conheceremos: este é um círculo vital pelo qual Deus é sempre novo na nossa vida. Entrar no mistério da Trindade nos ajudará a rever a nossa ideia de Deus, o nosso conhecimento de Deus,

o nosso pensamento sobre Deus: numa palavra, Deus nos surpreenderá uma vez mais.

*A nossa vida anseia, consciente ou inconscientemente, pelas fontes da vida, que são precisamente as três Pessoas da Santíssima Trindade.*

No ofício das leituras, encontramos um hino no qual rezamos assim: “Ó Trindade beata, oceano de paz, sarça inextinguível de verdade e de amor”. Trata-se de um belíssimo texto graças ao qual damos voz à ânsia constante do nosso coração.

Queremos, aqui, lembrar também a estupenda oração composta por Santa Isabel da Trindade: “Ó meu Deus, Trindade que adoro [...] que em cada instante me conduzes cada vez mais para dentro das profundidades do teu mistério! Ó meus Três, meu Tudo, minha Beatitude, infinita Solidão, Imensidão em que me perco”. “Ó meus Três”: espero mesmo que essa expressão tão querida de Santa Isabel seja também o nosso modo confidencial de nos dirigirmos a Deus Trindade.

*Se a nossa vida suspira pelas fontes da vida e pelo mistério de Deus, também suspira pela compreensão do nosso mistério.*

É vocação típica do homem procurar entender-se a si mesmo. Também por isso, a Trindade tem uma força de atração misteriosa sobre nós, porque é na Trindade que compreendemos completamente quem somos, para onde vamos e por que vivemos. É aí que vivemos, aí está escrito todo o sentido do nosso caminhar. Lembremos: neste preciso momento, estamos vivendo no coração da Trindade.

Num escrito da Madre Mectilde de Bar, encontra-se esta passagem muito bela:

Já há mais de trinta anos que me impressionam as palavras de um autor que afirma que, se fôssemos verdadeiramente penetrados pela majestade de Deus e se estivéssemos na sua presença, sentiríamos estar cometendo uma imodéstia muito grande quando desviássemos o olhar para ver o que está à nossa volta.<sup>1</sup>

Nessas palavras, impressionou-me a surpresa da Madre Mectilde. E talvez ainda hoje ela ficaria surpreendida com qualquer um de nós cada vez que desviássemos o nosso olhar do mistério trinitário. *Que existirá de mais belo e fascinante que esse mistério?*<sup>2</sup> O que valerá todo o resto, em consideração a esse mistério, para nele pormos os olhos, o coração, o interesse, o desejo?

Dizia a Madre Mectilde, sempre no mesmo escrito, que *a festa da Trindade é a festa do nosso íntimo*, porque no nosso íntimo habita a Trindade. Começemos a viver deste modo essas meditações: como uma verdadeira e real festa do nosso íntimo.

Santo Agostinho, quando contemplava a beleza da criação, entusiasmava-se com ela; mas depois escrevia para si e para os outros: “Bom é o que foi feito, mas quanto melhor é quem o fez!”<sup>2</sup> Talvez devêssemos cultivar e desenvolver mais alguns sentidos espirituais que nos ajudam a ver, a gozar, a entusiasmar-nos pelo mistério de Deus, cuja beleza supera infinitamente tudo e todos.

Ao olhar para a Trindade, *o nosso olhar atinge duas direções*. Paremos para observar individualmente cada uma

<sup>1</sup> MECTILDE DE BAR, *L'anno liturgico*. Milão: Glossa, 1997, p. 263.

<sup>2</sup> SANTO AGOSTINHO, *Diálogos*, 65/A,4.

das Pessoas divinas e, ao mesmo tempo, maravilhemo-nos com o mistério da unidade que caracteriza essas três Pessoas: trindade e unidade, portanto. E assim *descobriremos que a vida é um ir para o Pai pelo Filho no Espírito*. Bastaria essa indicação do caminho interior para preencher uma vida. Tantas vezes ouvimos essa expressão! E tantas vezes a rezamos na doxologia conclusiva da oração eucarística: “Por Cristo, com Cristo e em Cristo, a vós Deus Pai todo-poderoso, na unidade do Espírito Santo...”. Aí encontra-se o sentido da nossa vida.

No Gênesis (18,2-3), é descrito o encontro de Abraão com os três personagens misteriosos, que depois são a imagem das três Pessoas da Trindade. Abraão apreende primeiro a identidade individual e, depois, apreende algo da sua identidade única. Na sua intervenção, de fato, inicia com o plural e termina no singular. Meditando sobre esse mistério, queremos nós também continuamente passar do singular ao plural, da unidade à Trindade de Deus.

*Diz-se que olhar significa ser preenchido com tudo aquilo que se olha*. Esta é uma boa verdade: porque, quando olhamos algo, ficamos impressionados com aquilo que é objeto da nossa observação. A nossa mente e o nosso coração ficam cheios daquilo que vemos. Do mesmo modo, queremos permanecer cheios da Trindade que nos propomos a olhar e a contemplar. Desse modo, faremos experiência da eternidade. Não é verdade que a eternidade não será outra coisa senão olhar face a face o mistério trinitário e ser cheios eternamente?

Dizia São Gregório Nazianzeno que desejava estar “lá onde está a Trindade, onde o fulgor se une com o

esplendor, Trindade cujas sombras confusas me enchem de emoção”.<sup>3</sup> No mistério da Trindade de Deus, também as “sombras confusas” e as zonas de sombra que o olhar humano não consegue penetrar enchem-nos de emoção e de admiração.

### **O ícone da Trindade de Andrei Rublëv**

Lembremos *alguns elementos históricos para enquadrar as origens desse maravilhoso ícone*. Devemos recordar um santo da Igreja russa, São Sérgio de Radonege, que viveu entre 1313 e 1392. É considerado como um padre da unidade da Rússia. Não escreveu tratados sobre a Trindade, mas toda a sua vida foi votada à Trindade e, após muitos sacrifícios, conseguiu dedicar à Trindade a igreja que lhe foi confiada.

Dezessete anos após a sua morte, um discípulo seu solicitou a Andrei Rublëv, celeberrimo iconógrafo daquele tempo, a realização de um ícone da Santíssima Trindade, que foi colocado nessa igreja. Rublëv, juntamente com um seu companheiro, Daniel, pôs mãos à obra. É interessante ler a história dessa realização.

Um historiador refere que, de fato, os dois artistas, nos momentos de repouso, sentavam-se e contemplavam a sua obra que estava ganhando forma. E olhavam para ela sem descanso, sem distrações, de tal maneira que, da visão daquelas figuras, ambos subiam até ao mistério de Deus. Logo aí, eles mesmos ficaram impressionados com a obra que queriam concluir.

<sup>3</sup> SÃO GREGÓRIO NAZIANZENO, *Poema* 11.

Em 1415, quando a obra foi acabada, os bispos e os fiéis que, pela primeira vez, a admiraram, disseram: “Na verdade, os céus se abrem e os esplendores de Deus se mostram”.

No momento em que olhamos para esse ícone com a intenção de estabelecer um diálogo orante com Deus, devemos ter a advertência de considerar a existência de *três planos pictóricos distintos*, correspondentes a três níveis diferentes de leitura espiritual.

Como pano de fundo, temos *a narração bíblica do encontro de Abraão com os três personagens misteriosos* (Gn 18,1-15).

Todavia, a cena descrita no Gênesis não está totalmente ilustrada, porque Abraão e Sara estão ausentes do ícone. Além disso, há uma progressiva transfiguração dos elementos presentes no episódio bíblico: de fato, no ícone, a tenda de Abraão passa a ser a igreja-templo que vemos acima da cabeça do anjo da esquerda, o carvalho de Mambré torna-se a árvore da vida colocada acima da cabeça do anjo do centro, e o bezerro oferecido por Abraão em honra daqueles três peregrinos misteriosos passa a ser o cálice eucarístico que está na mesa, no centro do ícone. Com essa transfiguração dos elementos, é feita uma leitura espiritual do texto bíblico com a finalidade de apreender a imagem visível do mistério invisível. E esse é o primeiro plano que devemos ter presente quando estivermos diante do ícone.

Um segundo nível de leitura da imagem tem que ver com *os três anjos*. Vemos representados três corpos muito alongados em relação ao normal: as medidas dizem que o corpo dos anjos é catorze vezes a cabeça, portanto sete

vezes mais do que o normal. Depois vêm as asas que, pela sua estaticidade e pela sua cor, dão a impressão de agilidade, de imaterialidade, de ausência de peso: tudo isso exprime a vontade de nos reenviar para o mistério inexprimível de Deus.

Mas o mais importante em relação aos três anjos é *a perspectiva surpreendente*. O ponto de fuga do ícone não é o fundo da imagem, mas somos nós: nós que olhamos para a imagem. Essa mudança de perspectiva tem dois significados muito importantes. Em primeiro lugar, elimina a distância, a profundidade onde tudo desaparece pelo afastamento e, por efeito contrário, aproxima as figuras, mostra que Deus está aí, que está em todo o lado. Consegue, portanto, dizer-nos que Deus está presente em todo e qualquer lugar. Além disso, essa perspectiva faz com que nos coloquemos como se estivéssemos diante de uma janela aberta para a eternidade: é o mistério de Deus que desce até nós, não somos nós que vamos até ele. É clara a mensagem espiritual que resulta disso: não somos nós que suplicamos a Deus em favor da nossa pobre humanidade, mas é Ele que nos eleva até a sua infinita grandeza; é Ele que desce da eternidade para nos encher de si, para nos revelar os segredos do seu mistério, e nós somos chamados a permanecer abertos à sua revelação.

Madre Mectilde dizia, acerca da presença de Deus, que deveríamos sentir como que um “abismo de respeito” pela presença de Deus dentro de nós. O fato de o Senhor tudo habitar, de nele estarmos presentes e de Ele estar em nós deve dar-nos o sentido da presença de Deus e ajudar-nos a cultivar um verdadeiro e real abismo de reverência.